

Teocomunicação

Revista de Teologia da PUCRS

Programa de Pós-Graduação em Teologia
Escola de Humanidades

Porto Alegre, v. 47, n. 1, p. 39-50, janeiro-junho 2017

 <http://dx.doi.org/10.15448/1980-6736.2017.1.26292>

OUTROS DIÁLOGOS

Antropologia espiritual de Irineu de Lião

Spiritual Anthropology of Irenaeus of Lyons

Paulo Sérgio Lopes Gonçalves*, Leonardo Henrique Piacente**

RESUMO

Os espirituais, *spirituales vocat*, são aqueles que se submetem ao Espírito e em tudo procedem segundo a razão. Não há uma distinção entre a submissão ao Espírito e vida racional, pois só exercitam a reta razão os que vivem os conselhos do Espírito. Esta afirmação é baseada em Irineu de Lião (130-208), no livro V da *Adversus haereses*, na qual, finalizando a refutação à “pseudognose”, apresenta algumas doutrinas para converter os hereges, reconduzir os afastados e fortalecer a fé dos neófitos. Mas esta antropologia-espiritual, ou seja, a ação Espírito no ser humano, de Irineu demonstra uma influência do contexto cultural-filosófico do século II, marcado por uma interpretação espiritual do platonismo, chamado médio-platonismo. O objetivo dessa pesquisa é analisar a ação do Espírito e o uso da razão no ser humano que o faz *espiritual*, a partir de Irineu, e as influências pelo contexto cultural-filosófico. A metodologia será qualitativa, tendo como base um método bibliográfico exploratório e a hermenêutica das fontes e dos textos. Portanto, buscar-se-á com a leitura do livro V de Irineu, e sua interpretação, com base em comentadores, apresentar a antropologia-espiritual de Irineu e as influências do contexto filosófico-cultural.

Palavras-chaves: Antropologia-espiritual. Irineu de Lião. Gnósticos. Médio-platonismo.

ABSTRACT

The spiritual, *spirituales vocat*, are those who submit to the Spirit and in everything proceed according to reason. There is no distinction between submission to the Spirit and rational life, for only those who live the counsels of the Spirit exercise right reason. This statement is based on Irenaeus of Lyons (130-208), in Book V of the *Adversus Haereses*, in which, ending the refutation to “pseudognose”, presents some doctrines to convert the heretics, to reconcile the estranged and to strengthen the faith of the neophytes. But this spiritual anthropology, that is to say the action Spirit in the human being, of Irenaeus demonstrates an influence of the culture-philosophical context of the second century, marked by a spiritual interpretation of the Platonism, called half Platonism. The purpose of this research is to analyze the action of the Spirit and the use of reason in the human being that makes it spiritual, starting from Irenaeus, and influences by the cultural-philosophical context. The methodology will be qualitative, based on an exploratory bibliographic method and the hermeneutics of the sources and texts. Therefore, it will be sought with the reading of book V of Irenaeus, and its interpretation, based on commentators, present the anthropology-spiritual of Irenaeus and the influences of the philosophical-cultural context.

KEYWORDS: Anthropology-spiritual. Irenaeus of Lyons. Gnostics Middle-Platonism.

* Doutor em Teologia pela Pontifícia Università Gregoriana (Roma, Itália) e Pós-doutor em Filosofia pela Universidade de Évora (Portugal). Docente-pesquisador do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião da PUC-Campinas. E-mail: <p_aselogo@hotmail.com>.

** Doutorando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, iniciado em 2017. Mestre em Ciências da Religião, pela PUC-Campinas, como tema: O encontro do cristianismo com a cultura clássica – a questão em Irineu de Lião. Bacharel em Teologia pela PUC-Campinas, licenciado em Filosofia pela UNICAMP. E-mail: <lepiacente@yahoo.com.br>.



Os espirituais, segundo Irineu de Lião, são seres humanos criados por Deus, que utilizam sua capacidade cognitiva e são repletos do Espírito de Deus, que os torna seres humanos perfeitos. Neste artigo busca-se mostrar como esta proposta de Irineu de Lião, presente na obra *Adversus haereses*, na primeira parte do quinto livro, é uma antropologia desenvolvida pelo próprio Padre da Igreja. E também responder às interpretações dos diversos grupos gnósticos, do contexto filosófico-cultural dos primeiros séculos da era cristã, além da leitura das cartas paulinas. Irineu, como um sistematizador da fé cristã, ao afirmar que “submetem-se ao Espírito e vivem em tudo conforme à razão”, apresenta uma nova antropologia, mas que entre contrastes, oposições e conjugações, mostra como a cultura da sua época influenciou o pensamento cristão e também o possibilitou interpretar o Apóstolo e daí tirar uma nova forma de ver o ser humano, como *espiritual*. Para tanto, é apresentado, brevemente, a obra de Irineu, a de seus adversários imediatos – não diretos, os gnósticos –, também o contexto filosófico-cultural e a interpretação da primeira parte do livro V da *Adversus haereses* e apresentar a antropologia-espiritual de Irineu.

1 IRINEU DE LIÃO E *ADVERSUS HAERESSES*

Irineu de Lião (130-208 d.C.) mostra-se um fruto do emaranhado cultural, social, político e religioso desenvolvido no início da era cristã (séculos I-II). Pois, oriundo da Ásia menor, possivelmente de Esmirna, formado na cultura grega, como era comum na sua época, mas ouvinte de um dos Padres da Igreja, - principalmente Policarpo de Esmirna, que fora discípulo de João, apóstolo e evangelista. Emigrou para Roma, por questões eclesiais ou intelectuais, de onde partiu para a Gália, importante província romana, constituída por celtas e bárbaros, mas local de imigração de muitos orientais. Daí tornou-se presbítero, possível ‘diplomata’ na solução dos conflitos entre a Igreja Romana e a Igreja Oriental, depois eleito bispo de Lião e defensor da fé cristã contra as controvérsias surgidas no seu tempo. Heresiólogo não por vocação, mas por mandato da função episcopal, Irineu tornou-se o intermédio entre um cristianismo nascente que divulgava a Boa Nova de Jesus Cristo, para um cristianismo que sistematiza sua doutrina e estabelece balizas à fé cristã em meio à cultura greco-romana. E esta, não só possibilita o cristianismo a se elaborar com suas influências, mas também alimenta o seu desenvolvimento com os questionamentos e tensões existentes¹.

Na obra *Denúncia e refutação da falsa gnose (Adversus haereses)*, Irineu apresenta uma apologia da fé cristã contra os que “sob pretexto de *gnose* afastam muitos daquele que criou e pôs em ordem este universo, como se pudessem apresentar alguma coisa mais elevada e maior que o Deus que fez o céu e a terra e tudo o que eles encerram”². E também com o objetivo de transmitir as verdades da fé contidas na doutrina do Senhor e das cartas do Apóstolo, busca

o maior número possível de subsídios para contrabater os hereges, converter os que se afastaram e reconduzi-los à Igreja de Deus e, ao mesmo tempo, confirmar os neófitos para que se mantenham firmes na fé que receberam intacta da Igreja, para que de forma nenhuma se deixem corromper pelos que tentam ensinar-lhes o erro e afastá-los da verdade³.

¹ Cf. ORBE, A. *Antropología de San Ireneo*, p. 3-7; DROBNER, H. *Manual de Patrología*, p. 147-150; MORESCHINI, C. e NORELLI, E. *História da Literatura Cristã Antiga*, p. 309-318.

² IRINEU de Lião. *Adversus haereses*, I, prefácio 1.

³ IRINEU de Lião. *Adversus haereses*, V, prefácio 1.

A obra é endereçada a um “caríssimo amigo”⁴, que por diversas vezes é citado no decorrer das argumentações, mas Irineu não apresenta nem o nome e muito menos a localidade deste destinatário. A justificativa da escrita está ressaltada no caráter prático da obra, ou seja, Irineu escreve em virtude dos ensinamentos (*gnosis*) – de Valentim e dos seus discípulos, além das atuações de Marcos, o mago, entre outros –, que estavam se espalhando pelo cristianismo. Sendo assim, “o caráter prático é o objetivo desta obra: defender o *depositum fidei* contra os heréticos (sobretudo os gnósticos), e expor com clareza aos fiéis o ‘cânon imutável da verdade’”⁵.

Irineu divide a *Adversus haereses* em cinco livros, mas isto não fez com que o autor mantivesse um desenvolvimento e uma exposição que evoluísse constantemente, mas o contrário disso, o texto, por vezes, torna-se cansativo pelas diversas repetições e digressões do autor, além de ser prolixo. Mas, “Irineu sabe fazer uma descrição clara, simples e persuasiva da doutrina da Igreja”⁶ e atinge o seu objetivo com a obra *Adversus haereses*, que pretende colocar às claras (*elenkhos*) os ensinamentos que os gnósticos apresentam secretamente aos seus seguidores e confrontá-los (*anatrope*) com a verdadeira interpretação das Escrituras e da doutrina cristã, pela *regula veritatis*⁷.

Os cinco livros da *Adversus haereses* formam duas grandes partes como estabelece o título da obra “Denúncia e Refutação”. O livro I trata da exposição do sistema gnóstico e suas variações, na qual o autor apresenta a gnose valentiniana, como um sistema fundamental gnóstico, as atividades mágicas de Marcos, e uma genealogia dos gnósticos iniciando por Simão, o mago. A segunda parte, ou seja, a *Refutação da falsa gnose*, Irineu divide nos quatro livros seguintes apresentando os argumentos necessários para contrapor-se aos ensinamentos gnósticos. No livro II o autor utiliza-se de argumentos da razão para opor-se, especificadamente, a doutrina dos valentinianos e marcionitas, para assim atingir a todos os gnósticos. No terceiro livro, Irineu aduzirá “as provas tiradas das Escrituras para cumprir exatamente as tuas ordens, que até ultrapassei, para te fornecer argumentos oportunos para refutar completamente todos os que de qualquer forma ensinam a mentira”⁸. No quarto livro, Irineu refuta os gnósticos demonstrando a harmonia entre os dois testamentos que formam as Escrituras, e a identidade de Deus e do Criador.

No quinto livro, Irineu expõe e refuta a pseudognose, a fim de explicitar argumentos inferidos da doutrina de Cristo e das cartas do Apóstolo Paulo⁹. Ou seja, depois da apresentação das teorias gnósticas no primeiro livro, trazendo como base o sistema de Valentim e as doutrinas de Marcos, o mago, Irineu inicia a refutação e argumentação contra as teses gnósticas nos quatro livros subsequentes, mas, de modo especial, no quinto livro complementa essa confutação com temas específicos da teologia cristã. Este livro que é o fundamento da argumentação deste artigo terá seu conteúdo melhor detalhado.

Na primeira parte do livro V [1-14] o tema discutido é a salvação da carne, negada pelas teorias gnósticas. Irineu afirma que a encarnação de Cristo e a ressurreição da carne conferem ao Deus dos cristãos um poder superior ao Demiurgo gnóstico, pois este baseia-se somente na carne e no sangue, e os cristãos são cheios do Espírito. “A

⁴ IRINEU de Lião. *Adversus haereses*, I, prefácio 2.

⁵ RIBEIRO, H. Introdução, notas e comentários, p. 11-12.

⁶ ORBE, A. *Teologia de San Ireneo I*, p. 5.

⁷ MORESCHINI, C. e NORELLI, E. *História da Literatura Cristã Antiga*, p. 311.

⁸ IRINEU de Lião. *Adversus haereses*, III, prefácio 1.

⁹ IRINEU de Lião. *Adversus haereses*, V, prefácio 1: “Neste quinto livro da nossa obra [segundo Irineu], que é exposição e refutação da pseudognose, procuraremos trazer argumentos tirados da restante doutrina do Senhor e das cartas do Apóstolo, como nos pedistes”.

carne é morta, explica Irineu, sem o Espírito de Deus inserido nela, que é o único a poder vivificá-la, de modo que não é ela que herda o Reino, mas é antes possuída em hereditariedade; as obras da carne contrárias ao Reino são as cumpridas em ausência do Espírito”¹⁰. Irineu também apresenta sua definição de ser humano, em contraposição aos gnósticos, não baseado em gênero, mas sim com base nas cartas do Apóstolo, afirma que o ser humano é corpo, alma e espírito/Espírito.

Na segunda parte [15-24] o bispo de Lião apresenta o tema da identidade criadora de Deus e Pai de Jesus Cristo, por meio de três relatos das Escrituras: o cego de nascença (Jo 9) que recupera a vista pelas “mãos de Deus” que modelou o ser humano do barro e no sinal taumatúrgico Jesus repete este gesto divino da criação; a crucifixão de Jesus que cura a ferida da desobediência aberta por Adão; a fidelidade de Jesus à Lei e às Escrituras que vence o diabo no deserto e abre ao ser humano o caminho fechado por Adão que deixou-se levar pelo erro. A escatologia cristã ganha destaque na terceira parte do livro [25-36] em que Irineu explana, a partir da exegese de textos das Escrituras, sobre o fim do mundo quando o diabo, que deseja ser adorado, será vencido definitivamente e a Jerusalém celeste virá sobre todos os justos. Além disso, o Reino de Deus será estabelecido com uma nova terra e todos poderão conhecer a Deus de maneira sempre nova. Neste quinto livro também se torna presente a visão milenarista¹¹ comum aos padres de Igreja dos primeiros séculos¹².

2 GNÓSTICOS SEGUNDO IRINEU DE LIÃO

Nesta extensa obra apologética de Irineu de Lião, composta de cinco livros, a principal argumentação do autor é contra os que “sob pretexto de *gnose*” ou de uma “*pseudognose*”, ou também chamados de *gnósticos*. Estes utilizam-se de um “pseudo” conhecimento (*gnose*), adquirido a partir de diversas influências culturais e religiosas presentes no Império Romano, para conduzir os cristãos a um falso conhecimento, denominado herético, diferenciando-o do conhecimento divino revelado. Irineu de Lião não pretende, denominar um grupo religioso ou uma seita chamada “gnósticos”, sendo assim o termo gnosticismo foi cunhado no século XVII por Henry More (1614-1687) para aglutinar todos sobre os quais Irineu de Lião escreve e condena, e também os que surgem posteriormente¹³. Muitos estudos atuais tentam reconstruir e definir o que se entende pelo termo *gnosticismo*, de modo especial depois das descobertas de *Nag Hammadi*¹⁴. A conferência de Messina em 1966 conclui que “o verdadeiro gnosticismo era um sistema aparentemente cristão do século II d.C. e com uma série coerente de características: uma fâsca divina na humanidade e um movimento descendente do divino”¹⁵.

¹⁰MORESCHINI, C. e NORELLI, E. *História da Literatura Cristã Antiga*, p. 313.

¹¹Milenarismo ou quilianismo, em grego, é uma crença escatológica, presente nos primeiros séculos do cristianismo, que acredita na parusia ou segunda vinda de Jesus, e a partir dela a instauração de um Reino terrestre ou celeste, depende do autor. Neste Reino os santos e mártires ressuscitariam e gozariam deste Reino por mil anos. Depois as forças de Satanás retornariam e seriam derrotadas por Jesus Cristo, deste modo seguiria o juízo final, a destruição do mundo e o início definitivo da vida eterna no paraíso. Para os movimentos milenaristas do cristianismo antigo, Deus ou Jesus Cristo seriam os protagonistas da instauração deste Reino, anunciado pelos profetas e confirmado por Jesus. (UBIÑA, J. *Historia del cristianismo I*, p. 229-232).

¹²Cf. MORESCHINI, C. e NORELLI, E. *História da Literatura Cristã Antiga*, p. 313; LOPES, G. *Patrística pré-nicena*, p. 158; QUASTEN, J. *Patrologia I*, p. 289.

¹³Cf. BRAKKE, D. *Los gnósticos*, p. 42.

¹⁴Alguns camponeses egípcios encontraram, em 1945, nas proximidades de *Nag Hammadi* (próximo a Luxor), um jarro de argila com 13 códices de papiros escritos em copta. Henri-Charles Puech e Jean Doresse, em 1948, informaram a opinião pública sobre o descobrimento de uma ampla biblioteca gnóstica do século IV, no Egito. Entre os diversos textos dois se destacam: *Evangelho da Verdade* e *Evangelho copta de Tomé* (DROBNER, H. *Manual de Patrologia*, p. 134).

¹⁵BRAKKE, D. *Los gnósticos*, p. 43.

Outros estudos mostram que o gnosticismo teve suas raízes em bases pré-cristãs, iranianas, judias, gregas e foi uma tendência filosófica, cultural e religiosa muito ampla que avançou por todos os limites do Império Romano, aglutinando várias correntes de pensamento, mas teve um denominador comum: a busca por um conhecimento salvador. E dentro do ambiente cristão do século II d.C. desdobrou-se em diversos evangelhos, textos, apocalipses que logo foram considerados heresias e condenados ao desaparecimento¹⁶.

Sem buscar unificar o gnosticismo, outros estudos o identificam com uma *categoría social*. Ou seja, no movimento cristão primitivo dos dois primeiros séculos – o qual não goza de nenhuma uniformidade e nem unidade no pensamento, rito e doutrina –, alguns membros dessas comunidades são conhecidos como gnósticos e também assim se nomeiam, por compartilharem um conhecimento específico e restrito, uma mitologia própria ou ritos singulares. Essa foi uma forma de descrever o movimento gnóstico sem delimitar suas teorias e propostas, para unificação numa religião ou grupo que agregue a todos. Contudo, busca-se identificar que grupos diversos e com objetivos próprios, tem a *gnose* como princípio comum e assim se identificam¹⁷.

Portanto, os gnósticos, nos diversos grupos apresentados por Irineu de Lião, são pensadores, grupos e até escolas que influenciados pelo pensamento greco-helenístico, e mais diretamente ligados à uma nova leitura e interpretação dos diálogos platônicos, somam ao pensamento médio-platônico, as doutrinas de Jesus Cristo, a interpretações dos textos das Escrituras, mas também do misticismo egípcio, os oráculos caudais, as doutrinas herméticas e religiões orientais.

A antropologia gnóstica, principalmente a criação do ser humano e sua composição, é importante para a compreensão das propostas de Irineu de Lião. Assim sendo, sem unificar os diversos grupos gnósticos numa única teoria torna-se importante ressaltar que para os gnósticos era inquietante as limitações da condição humana e da origem do mal, principalmente porque para eles o corpo, o mundo e o tempo são criações de um demiurgo maligno. O viver, e de modo especial o viver no corpo é onde reside o mal, e a libertação espiritual é quando a alma retornar a sua pátria perdida e ansiada, de onde ela procedeu para habitar no corpo. Mas para isso não são todos os que conseguem, mas somente os homens pneumáticos, que são os que recebem uma iluminação interior mediante a *gnose*¹⁸.

À concepção platônica-pitagórica da alma, somam ideias judaicas e interpretações alegóricas de textos escriturísticos. A alma esta aprisionada no corpo e no mundo, ela é uma centelha do divino, aguardando a *gnose* para alcançar a salvação. Além disso, por vezes os gnósticos utilizam o dualismo corpo e alma de Platão, ressaltando uma interpretação do diálogo *Timeu*, outras vezes a tricotomia da filosofia do helenismo corpo-alma-espírito.

Irineu, ao descrever a doutrina de Ptolomeu sobre o ser humano, afirmou que existiam três elementos: a matéria, proveniente da paixão; o psíquico, oriundo da conversão; o pneumático, gerado por Acamot¹⁹. E que todos foram criados pelo Demiurgo, mas o ser humano foi “feito à imagem e semelhança [demiurgo]: quanto à imagem é hílico, próximo a Deus (Demiurgo) sem lhe ser consubstancial; quanto à semelhança é psíquico, motivo pelo qual a sua substância é chamada espírito de vida”²⁰. Sendo assim, no sistema

¹⁶Cf. UBIÑA, J. *Historia del cristianismo I*, p. 235-236.

¹⁷Cf. BRAKKE, D. *Los gnósticos*, p. 54.

¹⁸Cf. UBIÑA, J. *Historia del cristianismo I*, p. 235-236.

¹⁹Cf. IRINEU de Lião. *Adversus haereses*, I,5,1.

²⁰IRINEU de Lião. *Adversus haereses*, I,5,5.

valentiniano o ser humano se divide em três gêneros ou espécies. Os hílicos ou terrenos, que tem o seu fim na corrupção da matéria. Os psíquicos, dotados de livre arbítrio, vivendo nas boas obras, na justiça e longe do pecado alcançam a salvação na região Intermediária, entre o mundo espiritual e o mundo material. E por fim, os pneumáticos, criados pelo Demiurgo, mas com a semente divina (*gnósis*), estão predestinados à salvação e jamais se corrompem.

Segundo os valentinianos, os espirituais [pneumáticos], estritamente falando, eram só espírito. Não tinham, como tais, *psiqué* nem carne, senão somente *pneuma*. Durante sua existência terrestre, conviviam a alma, homem psíquico, e com o corpo, homem hílico; em si, eram somente espírito, destinado a viver eternamente em pureza de substância pneumática²¹.

3 CONTEXTO FILOSÓFICO-CULTURAL

O contexto cultural-filosófico do início da era cristã, a partir do II d.C., é marcado por uma leitura, interpretação e ensino de Platão, de modo especial em Alexandria, no Egito, mas se espalhará por todo o Império Romano. Convencionou-se, dentro da história da filosofia antiga e da reflexão sobre a herança deixada por Platão, de *médio-platonismo* o período que vai da metade do século I a.C. até o século III d.C, ou seja, até Amônio Sacas, professor de Plotino²². “As distintas correntes helenistas desembocam na antiguidade tardia no médio-platonismo. Na Academia platônica ressurgem o que consideravam verdadeiro Platão, um Platão lido com olhos pitagorizantes e cheios de elementos peripatéticos e estoicos²³. Essas interpretações de Platão estavam na intermídia do antigo platonismo e do novo platonismo, “é a esse platonismo ‘do meio’ que se remetem os Padres da Igreja para elaborar racionalmente a mensagem evangélica²⁴.”

No pensamento médio-platônico muitas filosofias helenistas se dissolveram, pois os cétricos, estoicos e epicuristas viram, a partir do século II d.C. suas ideias se misturarem e se aglutinarem ao pensamento médio-platônico. O aristotelismo, que desde Alexandre de Afrodíase perdera sua força, foi igualado ao pensamento de Platão, ou seja, para o médio-platonismo não existia diferença entre Platão e Aristóteles, uma vez que ambos tinham as mesmas propostas. E a tudo isso somaram-se as doutrinas místicas vindas do Egito e do Médio Oriente, como os oráculos caudais, as doutrinas herméticas, a doutrina dos demônios dos egípcios²⁵. Além de interpretações alegóricas dos textos bíblicos judaicos e de outros textos sagrados²⁶.

Segundo Plutarco, Platão e Aristóteles faziam culminar a filosofia numa ‘epóptica’, isto é, como nos mistérios, na revelação suprema da realidade transcendente. Parece que desde o início do II d.C., a filosofia foi concebida como um itinerário espiritual ascendente, que corresponde a uma hierarquia das partes da filosofia²⁷.

²¹ORBE, A. *Teologia de San Ireneo I*, p. 290.

²²Cf. ERLER, M. e GRAESER, A. *Filósofos da Antiguidade*, p. 20-23; MAS, S. *Pensamiento Romano*, p. 574-580; REALE, G. *Renascimento do platonismo*, p. 271-275.

²³MAS, S. *Pensamiento Romano*, p. 574.

²⁴REALE, G. *Renascimento do platonismo*, p. xviii.

²⁵Cf. MAS, S. *Pensamiento Romano*, p. 574-584.

²⁶Cf. MAS, S. *Pensamiento Romano*, p. 575-576.

²⁷HADOT, P. *O que é filosofia Antiga?*, p. 223.

Numa perspectiva ampla, as características do pensamento do médio-platonismo eram as seguintes: tendo como base o diálogo de Platão, *Timeu*, buscaram reconstruir toda teoria platônica e sintetizaram-na num único sistema. Através de comentários às obras de Platão foram elaborados compêndios, como o *Didascálico* de Albino. Recuperaram o pensamento platônico do *supra-sensível, do imaterial e do transcendente* rompendo com o materialismo da filosofia helenista. Restauraram a *teoria da Ideias*, somando as posições de Platão e Aristóteles, apresentaram as *Idéias* num aspecto transcendente como pensamento de Deus e numa perspectiva imanente como formas das coisas. Desenvolveram a *doutrina dos Demônios*, já presente ao misticismo grego, mas que fora acrescida de partes da religiosidade egípcia, e tornou-se importante para repensar a mediação entre Deus (o divino) e os homens; o pensamento ético deixou de ter base na *physis*, materialistas e imanentista, para fundamentar-se na transcendência divina e no incorpóreo encontrou a verdadeira vida moral²⁸.

Dois pensadores do período imperial greco-romano, – Fílon de Alexandria, pensador judeu-platônico, e Marco Aurélio, imperador e pensador estóico – imersos nessa visão médio-platônica de concepção do ser humano, a modo da interpretação gnóstica, suplantam a visão dualista platônica, corpo e alma, apresentando um ser humano em três partes. Ou seja, um com base nas Escrituras e outro fugindo do modelo estóico tradicional, trazem uma antropologia tripartida (tricotômica), e servem de exemplo para descrever a diversidade e a mistura cultural desse período do pensamento.

Fílon de Alexandria interpreta os dois relatos da criação do homem, presentes no livro de Gênesis (Gn 1,26ss e Gn 2,7), não como contingentes, mas sim complementares: criação do cosmo inteligível e criação do cosmo físico. Ou seja, em Gn 1,26ss Fílon afirma, segundo *De opificio mundi*, 69s:

Depois de todas as outras coisas criadas, como se disse, Moisés diz que o homem foi criado *à imagem e semelhança de Deus* (Gn 1,26). E isso é muito bem dito, porque nada do que foi criado é mais semelhante a Deus que o homem. Mas ninguém imagine essa semelhança referindo-se a alguma característica do corpo: de fato, nem Deus tem forma humana, nem o corpo humano tem forma divina. A palavra “imagem” é aqui referida ao *intelecto* (νοῦς) que é o guia da alma (ψυχή). De fato, o intelecto que existe em cada homem particular foi feito à imagem daquele único Intelecto universal²⁹.

Posteriormente, interpretando Gn 2,7, segundo *De opificio mundi*, 134s:

Moisés disse em seguida: “Deus plasmou o homem tomando a poeira do solo e soprou o seu rosto um sopro de vida” (Gn 2,7). Essa nova retomada do tema mostra de modo claríssimo a grande diferença entre o *homem plasmado* desse modo e o *homem que foi precedentemente gerado à imagem e semelhança de Deus*. De fato, o homem plasmado é sensível, é participante da qualidade sensível, é composto concretamente de corpo e alma, é homem e mulher, de natureza mortal. Ao invés, o homem feito à imagem de Deus é uma Ideia, um Gênero, um Selo; é inteligível, incorpóreo, nem homem, nem mulher, de natureza incorruptível³⁰.

A visão médio-platônica de ser humano está presente claramente nas interpretações de Fílon, seguindo um detalhamento das filosofias de Platão e Aristóteles de um homem

²⁸Cf. MAS, S. *Pensamiento Romano*, p. 574-580; REALE, G. *Renascimento do platonismo*, p. 276-279.

²⁹REALE, G. *Renascimento do platonismo*, p. 258.

³⁰REALE, G. *Renascimento do platonismo*, p. 258.

concebido em duas dimensões: corpo e alma. Mas o judeu-alexandrino aprofunda sua interpretação filosófica com a exegese bíblica e afirma, assim, o ser humano constituído de: corpo, alma-intelecto e Espírito que provêm de Deus. Fílon afirma no *Legum allegoriae*, I, 36-37:

A palavra 'soprou dentro' significa: inspirou, ou pôs uma alma nas coisas inanimadas (...). A expressão tem um sentido mais profundo. Existem três coisas: a) o que sopra, b) o que recebe, c) o que é soprado. Ora, a) o que sopra é Deus; b) o que recebe é o intelecto (νοῦς); c) o que é soprado é o Espírito (πνεῦμα). Que deriva desses três elementos? Dos três elementos deriva uma união, tendo Deus estendido a Potência que vem d'Ele ao sujeito, por meio do Espírito³¹.

Desta forma, para Fílon, o intelecto sem a presença do divino seria algo miserável e não haveria o entrelaçamento entre o homem e o sagrado. Portanto, o ser humano tem três dimensões: um corpo, que remete à questão puramente animal; uma alma-intelecto, que abrange a dimensão racional; e uma parte superior, transcendente e divina, que é a presença do Espírito de Deus. Corpo e alma-intelecto são mortais para Fílon, mas a parte superior do ser humano é o que garantia a eternidade³².

Para Marco Aurélio “as coisas das quais é constituído o ser humano são três: pequeno corpo, sopro vital, intelecto”³³. O intelecto é realmente o que pertence ao homem, o local onde ele pode “retirar-te em ti mesmo”. Mesmo se diferenciando dos estóicos na divisão do ser humano, Marco Aurélio não afirma a alma ou intelecto como passagem para a eternidade, pois para os estóicos a alma é matéria e esta um dia esvai-se. Mas a alma-intelecto é, em Marco Aurélio, um caminho para o divino, quando o ser humano descobre em si a paz verdadeira:

De fato, o homem não pode retirar-se a um lugar no qual haja tranquilidade maior ou calma mais absoluta do que o íntimo da sua alma, especialmente aquele que tem em si idéias que, apenas com contemplá-las, logo adquire toda a paz do próprio espírito³⁴.

Marco Aurélio também irmana todo gênero humano a partir da alma-intelecto, mostrando assim a importância do respeito e do valor ao ser humano, fruto da ética estóica imperial: “Terás esquecido o estreito vínculo de parentesco que une todo homem ao gênero humano, não parentesco de sangue ou de origem, mas de intelecto; e ainda, que a mente de todo homem é divina e emanada de Deus”³⁵.

4 A ANTROPOLOGIA-ESPIRITUAL DE IRINEU DE LIÃO

Irineu de Lião, na sua apologia à fé cristã, apresenta no quinto livro da obra *Adversus haereses* sua antropologia com base nas Escrituras, de modo especial nas doutrinas do Senhor e nas cartas do Apóstolo. A definição do ser humano como um composto de espírito, alma e corpo, foi tirada de 1Ts 5,23: “O Deus da paz santifique a vós, os perfeitos, e o vosso espírito, a alma e o corpo sejam guardados plenamente acabados e sem repreensão para a vinda do Senhor Jesus”³⁶.

³¹ REALE, G. *Renascimento do platonismo*, p. 260.

³² cf. CALABI, F. *Fílon de Alexandria*, p. 55-64; REALE, G. *Renascimento do platonismo*, p. 257-261.

³³ MARCO AURÉLIO. *Meditações*, XII, 3.

³⁴ MARCO AURÉLIO. *Meditações*, IV, 3.

³⁵ MARCO AURÉLIO. *Meditações*, XII, 26.

³⁶ IRINEU de Lião. *Adversus haereses*, V, 6,1.

Em todo parágrafo sexto do livro quinto, Irineu de Lião constrói o seu entendimento sobre a constituição do ser humano. Primeiramente, que este foi criado, modelado e conformado pelo próprio Pai criador, à imagem do seu Filho e pela ação do Espírito. Ou seja, o ser humano é criação de Deus Pai com suas próprias mãos, o Filho e o Espírito³⁷. Sendo assim o ser humano criado não em parte é semelhante a Deus, mas sim na sua totalidade. Este todo é composto de alma, corpo e espírito/Espírito, na segunda parte da definição sobre a composição do ser humano, esta não só baseada no seu entendimento sobre o pensamento de Paulo, como citando partes das cartas do Apóstolo.

Num terceiro argumento define o ser humano perfeito: “é composição e união da alma que recebe o Espírito do Pai e está unida à carne, plasmada segundo a imagem do Pai”³⁸. Ou seja, a carne ou corpo, não tem sentido de existência sem a alma e o espírito, pois é somente uma parte imperfeita, assim seria somente imagem de Deus, por ter sido plasmado por ele. A alma não é o ser humano perfeito, por que não há como o psíquico existir sem um corpo, imagem de Deus, e o espírito, semelhança de Deus. Se, porém, faltar o Espírito à alma e ao corpo, este ser humano será psíquico e carnal, imagem de Deus como criatura modelada, mas imperfeito pois não será sua semelhança. Então, Irineu de Lião conclui que se ao ser humano falta uma parte ele é imperfeito “já não se pode reconhecer o ser humano, mas como dissemos, somente uma sua parte ou uma coisa diferente dele”³⁹.

Antes de continuar a apresentação antropológica de Irineu, torna-se necessário uma breve exposição sobre a visão de ser humano de Paulo. Se, unicamente, em 1Ts 5,23 Paulo fala em corpo, alma e espírito, e no decorrer das suas cartas trata do ser humano como corpo e alma, seu intuito não foi reproduzir o entendimento dualista helênico sobre o ser humano, pois para Paulo essa divisão não é essencial. A difícil antropologia paulina não divide, mas sim unifica o ser humano, pois o “a visão paulina da humanidade enraíza-se em sua compreensão de Jesus Cristo”⁴⁰. Partindo disso, o ser humano criado à imagem e semelhança de Deus forma o *corpo de Cristo*, numa integridade de alma, corpo, espírito, carne, coração como uma unidade total. Mas para Paulo há uma divisão mais fundamental: “Pode o ser humano viver duas opções fundamentais: como homem-carne e como homem-espírito. Como homem-carne contenta-se consigo mesmo e fecha-se em seu próprio horizonte; como homem-espírito abre-se para Deus, de quem recebe a existência e a imortalidade”⁴¹.

Para a teologia paulina o ser humano iluminado pela humanidade de Cristo descobre não suas partes, mas sim o mundo dividido em duas partes: homem velho e homem novo; vida e morte, ser humano vivo e ser humano morto⁴². Jesus histórico é importante para Paulo, mas mais que isso é a vida nova que o Cristo trouxe, a ressurreição, a plenitude de vida com Deus.

Por conseguinte, retomando a teoria antropológica de Irineu, ao afirmar que sem suas partes interligadas e concisas o ser humano perde sua identidade de existência, Irineu de Lião empreende uma crítica aos gnósticos, que defendiam o ser humano pneumático

³⁷IRINEU de Lião, no *Adversus haereses*, IV, 20,1, apresenta a sua doutrina sobre as mãos criadoras do Pai, ou seja, o Filho e o Espírito. Se opondo ao modelo gnóstico, no qual Deus, inacessível, não cria, mas sim transfere a anjos, potências e o Demiurgo a função de criar o mundo material e o ser humano, Irineu mostra que o Deus das Escrituras é o Criador. E seu ato criador se manifesta também na redenção, sendo assim a criação de Deus se manifesta no plasmar o ser humano: a sua imagem, para tanto se utiliza do Verbo, imagem do Pai para realizar este fato; e semelhança, através do Espírito Santo, similitude de Deus. Para Irineu a tríade divina atua junta, sendo assim não há diminuição de Deus no seu ato criador, mas sim cada qual atua com sua índole pessoal. (cf. ORBE, A. *Teologia de San Ireneo IV*, p. 274-274).

³⁸IRINEU de Lião. *Adversus haereses*, V, 6,1.

³⁹IRINEU de Lião. *Adversus haereses*, V, 6,1.

⁴⁰MURPHY-O'CONNOR, J. *A antropologia pastoral de Paulo*, p. 17.

⁴¹FERREIRA, J. *Antropologia semítica de Paulo apóstolo*, p. 215.

⁴²Cf. MURPHY-O'CONNOR, J. *A antropologia pastoral de Paulo*, p. 71-74.

como o candidato à salvação e o que recebeu a *gnose* iluminadora para libertar a alma da prisão do mundo e do corpo. E também se coloca diretamente em oposição aos estóicos e epicuristas que afirmavam a materialidade da alma, e o médio-platônicos que definiam a existência da alma como incorpóreo.

Contudo Irineu de Lião aprofunda sua antropologia afirmando, que não somente o ser humano é uma composição e união da alma, corpo e espírito, mas há uma parte espiritual neste ser humano que o faz além de perfeito, *espiritual*. “Quando, porém, este Espírito mistura-se com a alma e se une à obra modelada, pela efusão deste Espírito, realiza-se o ser humano espiritual e perfeito, e é este mesmo que foi feito à imagem e semelhança de Deus⁴³”. Ou seja, na “antropologia-espiritual” de Irineu de Lião, o que faz o ser humano espiritual não é só a ação do Espírito nele, suprimindo e expulsando a carne, mas sim a integração do ser humano como um todo. A definição de espirituais, para Irineu de Lião, é por adição e não exclusão.

Antônio Orbe, no seu comentário sobre o parágrafo sexto do livro quinto da obra *Adversus haereses*, diferenciando Irineu de Lião dos gnósticos, afirma,

segundo os valentinianos, os espirituais, estritamente falando, eram só espírito. Não tinham, como tais, *psiqué* nem carne, senão somente *pneuma*. Durante sua existência terrestre, conviviam a alma, homem psíquico, e com o corpo, homem hílico; em si, eram somente espírito, destinado a viver eternamente em pureza de substância pneumática⁴⁴.

Como um exemplo do pensamento dos séculos II e III d.C., nesta citação, já se percebe a oposição da definição antropológica de Irineu de Lião e dos gnósticos. Pois para o bispo de Lião, na sua *antropologia-espiritual*, não há ser humano perfeito sem uma plena integração entre todas as suas partes, sem sobreposição ou submissão, mas sim uma totalidade plasmada pelo Pai à sua imagem e semelhança. Muito próximo da integração antropológica defendida por Paulo, como *membros do único Corpo de Cristo*. Desta forma, na afirmação do parágrafo oitavo, fica mais claro essa proposta de Irineu de Lião contra os opositores da fé cristã,

os que possuem, pois o penhor do Espírito, não servem mais às concupiscências da carne, submetem-se ao Espírito e vivem em tudo conforme à razão, são justamente chamados espirituais (*spirituales vocat*) pelo Apóstolo, por que o Espírito de Deus habita neles. Ora, espíritos desprovidos de corpo não são homens espirituais, mas a nossa natureza, isto é, a união da alma e do corpo que recebe o Espírito de Deus constitui o *homem espiritual*⁴⁵.

Portanto, os que “submetem-se ao Espírito e vivem em tudo conforme à razão”, para Irineu de Lião não significa uma distinção ou substituição ou submissão de um ou de outro, mas sim, baseado em Fílon de Alexandria, há um vínculo entre a vida racional e a ação do Espírito na vida humana, pois o “reto uso da razão, com a assistência do Espírito, leva o homem a assemelhar-se em Espírito a Deus”⁴⁶. Então, para Irineu de Lião *os espirituais*, sempre com base na interpretação das cartas paulinas, por si são um corpo dotado de Espírito; há uma comunhão qualitativa do divino com a ínfima substância humana. Irineu de Lião afasta-se da visão médio-platônica dos incorpóreos e

⁴³ IRINEU de Lião. *Adversus haereses*, V, 6,1.

⁴⁴ ORBE, A. *Teologia de San Ireneo I*, p. 290.

⁴⁵ IRINEU de Lião. *Adversus haereses*, V, 8,2.

⁴⁶ ORBE, A. *Teologia de San Ireneo I*, p. 379.

também gnóstica do puro espírito ou espírito incorpóreo, mas sim afirma o *ser humano espiritual* como uma substância corpórea/carnal e composto de alma – plasmados através do Pai criador, pelo Filho e Espírito –, no qual o penhor do Espírito age e o qualifica. Tornando-o não só imagem de Deus, mas o assemelhando, pela ação do Espírito, a Deus.

REFERÊNCIAS

- BRAKKE, David. *Los gnósticos*. Salamanca: Sígueme, 2013.
- CALABI, Francesca. *Filon de Alexandria*. São Paulo: Paulus, 2014.
- CATTANEO, E.; LONGOBARDO, L. *Consonantia Salutis: studi su Ireneo di Lione*. Trapani: Il pozzo di Giacobbe, 2005.
- CHIAPPARINI, Giuliano. *Valentino gnostico e platonico*. Il valentinianesimo della 'grade notizia' di Irieno di Lione: fra esegesi gnostica e filosofia medioplatonica. Milão: Vita e Pensiero, 2012.
- DROBNER, Hubertus R. *Manual de Patrología*. Tradução de Víctor Abelardo Martínez de Lopera. Barcelona: Herder, 2001.
- ERLER, Michael; GRAESER, Andreas (Org.). *Filósofos da Antiguidade: do helenismo à Antiguidade tardia*. Vol. II. Tradução de Nélio Shneider. São Leopoldo: Unisinos, 2005.
- FERNANDES, Fr. José Manuel Correia. À imagem e semelhança de Deus: a visão antropológica de St. Ireneu de Lyon. *Cadernos do ISTA*, Lisboa-Portugal, n. 15. Disponível em: <http://www.triplov.com/ista/encontros/poder_imagem/imagem_01.htm>. Acesso em: 03 jan. 2017.
- FERREIRA, Joel Antônio. Antropologia semítica de Paulo apóstolo em confronto com a antropologia grega. *Revista da Abordagem Gestáltica*, Goiânia, v. 14, n. 2, p. 213-217, jul.-dez. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672008000200009&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 03 jan. 2017.
- HADOT, Pierre. *O que é filosofia Antiga?* São Paulo: Loyola, 2008.
- IRINEU DE LIÃO. *Contra as heresias*. Tradução de Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 1995.
- IRENEO DI LEONE. *Contro le eresie*. Vol. 2. Roma: Città Nuova, 2009.
- LAYTON, Bentley. *As escrituras gnósticas*. São Paulo: Loyola, 2002.
- LOPES, Geraldo. *Patrística pré-nicena*. São Paulo: Paulinas, 2014.
- MARCO AURÉLIO. *Pensamientos, cartas e testimonios*. Madri: Editorial Tecnos, 2010.
- MAS, Salvador. *Pensamiento Romano*. Una historia de la filosofía en Roma. Valencia: Tirant lo Blanch, 2006.
- MORESCHINI, Cláudio. *História da Filosofia Patrística*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2013.
- MORESCHINI, Cláudio; NORELLI, Enrico. *História da Literatura Cristã Antiga Grega e Latina I – de Paulo à Era Constantiniana*. São Paulo: Loyola, 2014.
- MURPHY-O'CONNOR, Jerome. *A antropologia pastoral de Paulo: tornar-se humanos juntos*. São Paulo: Paulus, 1994.
- ORBE, Antonio. *Introducción a la teología de los siglos II y III*. Salamanca: Sígueme, 1988.
- _____. *Teología de San Ireneo I*. Madrid: BAC, 1985.
- _____. *Teología de San Ireneo IV*. Madrid: BAC, 1996.
- _____. *Antropología de San Ireneo*. Madrid: BAC, 1969.
- QUASTEN, Johannes. *Patrologia I, hasta el concilio de Nicea*. Madrid: BAC, 2004.
- REALE, Giovanni. *Renascimento do platonismo e do pitagorismo*. São Paulo: Loyola, 2008. (Coleção História da Filosofia grega e romana, 7).

RIBEIRO, Helcion. Introdução, notas e comentários. In: IRINEU DE LIÃO, *Contra as heresias*. São Paulo: Paulus, 1995. p. 9-27.

UBIÑA, José Fernández; SOTOMAYOR, Manuel (Org.). *Historia del cristianismo I: el mundo antiguo*. Madrid: Trotta, 2011.

Recebido em: 10/01/2017

Aprovado em: 03/03/2017

Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião
Rodovia Dom Pedro I, km 136
13086-900 – Campinas – SP – Brasil

Leonardo Henrique Piacente
Rua São Francisco Xavier, 80 – Jardim Nova Aurora
13180-110 – Sumaré – SP – Brasil